

DIÁLOGO

COM MAURÍCIO SILVA



WITTGENSTEIN E O SENTIDO DA VIDA

A crise do mundo atual decorre, entre outros fatores, da ausência de um olhar objetivo sobre as coisas: valora-se o que não tem valor; fala-se o que não se deve. Em Feira de Santana, um pesquisador abre uma fresta em meio a essa névoa

POR FÁBIO ANTONIO GABRIEL



© ARQUIVO PESSOAL

O mundo não precisa de uma doutrina correta, mas de uma visão clara, capaz de desfazer a confusão que dá origem aos problemas. Estes são consequência de uma visão inflexível da linguagem que insiste que, se uma palavra tem significado, deve haver algum tipo de objeto a ela correspondente. As premissas que baseiam o pensamento do filósofo austríaco – naturalizado britânico – Ludwig Joseph Johann Wittgenstein encontraram eco em Feira de Santana, na Bahia, na pessoa de **Maurício Silva Alves**, professor de Filosofia da Educação na UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), que é também coordenador da Licenciatura em Filosofia da Faculdade Católica da mesma cidade.

Atualmente Alves integra o programa DINTER (Doutorado Interinstitucional) entre a Faculdade Católica e a UNISINOS-RS, e seu projeto de pesquisa se volta para o sentido da vida, cujas linhas mestras são as obras clássicas *Tractatus logico-philosophicus* e *Investigações Filosóficas*. “A nossa hipótese é aquela de que Wittgenstein trata apenas do limite do mundo, e não das questões que estão fora dele. Assim, o sentido da vida equipara-se à experiência mística e à ética, que estão imbricadas à dimensão do limite do mundo visto *sub specie aeterni*”, disse ele à Humanitas. Nesta entrevista concedida à revista **Humanitas**, o pesquisador diz que “o sentido da vida não pode ser definido por palavras, mas, unicamente, por meio da busca de experiências chamadas místicas, as quais estão para além do significado”. Veja a seguir o inteiro teor desse bate-papo ocorrido no final de 2021.

Humanitas – A sua trajetória como professor e pesquisador foca o estudo de Wittgenstein. Poderia descrever o que caracteriza o pensamento desse filósofo?

Mauricio Silva Alves: Ludwig Wittgenstein nasceu em Viena em 1889. O *Tractatus logico-philosophicus* (TLP), um clássico da filosofia do século XX, foi concluído em 1918, quando Wittgenstein tinha 29 anos. A segunda obra de Wittgenstein foi publicada, postumamente, em 1953 e é a conhecida *Investigações Filosóficas* (IF). O *Tractatus* lida com temas filosóficos familiares: a natureza da realidade, o modo como representamos o mundo e a linguagem, no pensamento, na lógica e assim por diante. No *Tractatus*, ele nos ofereceu uma teoria da representação, teoria com a qual se pretendia explicar o caráter representacional tanto do mundo quanto da linguagem. Em oposição a essa teoria essencialista e referencialista da

linguagem nesta obra, Wittgenstein enfatizou a multiplicidade de palavras e sentenças e sua diversidade de usos na linguagem. Já nas *Investigações Filosóficas*, sua concepção de uso de uma proposição se torna universal, pois envolve todas e quaisquer características do uso que poderiam ser relevantes para entender os diferentes significados.

Como Wittgenstein pode ser entendido no contexto da filosofia contemporânea?

Wittgenstein nos oferece um caminho radical sobre as questões da linguagem, da mente sobre o conhecimento de nós mesmos e dos outros. No contexto da Filosofia Contemporânea, Wittgenstein pôs em xeque a concepção de que a filosofia seja uma disciplina cognitiva na qual todos os conhecimentos são desvelados. Segundo ele, “a filosofia é uma luta contra o enfeitamento de nosso entendimento pela nossa linguagem” (IF, §109). Nesse sentido, podemos conceber a ideia de que não cabe à filosofia mascarar a realidade, mas fornecer uma visão nítida sobre as questões da vida.

A sua pesquisa atual é sobre religião e o sentido da vida segundo o mesmo filósofo. O que já foi descoberto até agora?

A nossa hipótese é aquela de que Wittgenstein trata apenas do limite do mundo, e não das questões que estão fora dele. Assim, o sentido da vida equipara-se à experiência mística e à ética, que estão imbricadas à dimensão do limite do mundo visto *sub specie aeterni*. Como apresentado no TLP: “6.44 O que é místico não é como o mundo é, mas que ele seja. 6.45 A intuição do mundo *sub specie aeterni* é a intuição dele como um todo limitado. É místico o sentimento do mundo como um todo limitado”. Pensar Deus (a questão religiosa) exige um entendimento de que ele não se apresen-

“A ÉTICA, NA MEDIDA EM QUE BROTA DO DESEJO DE DIZER ALGO SOBRE O SENTIDO ÚLTIMO DA VIDA, SOBRE O ABSOLUTAMENTE BOM, O ABSOLUTAMENTE VALIOSO, NÃO PODE SER UMA CIÊNCIA”

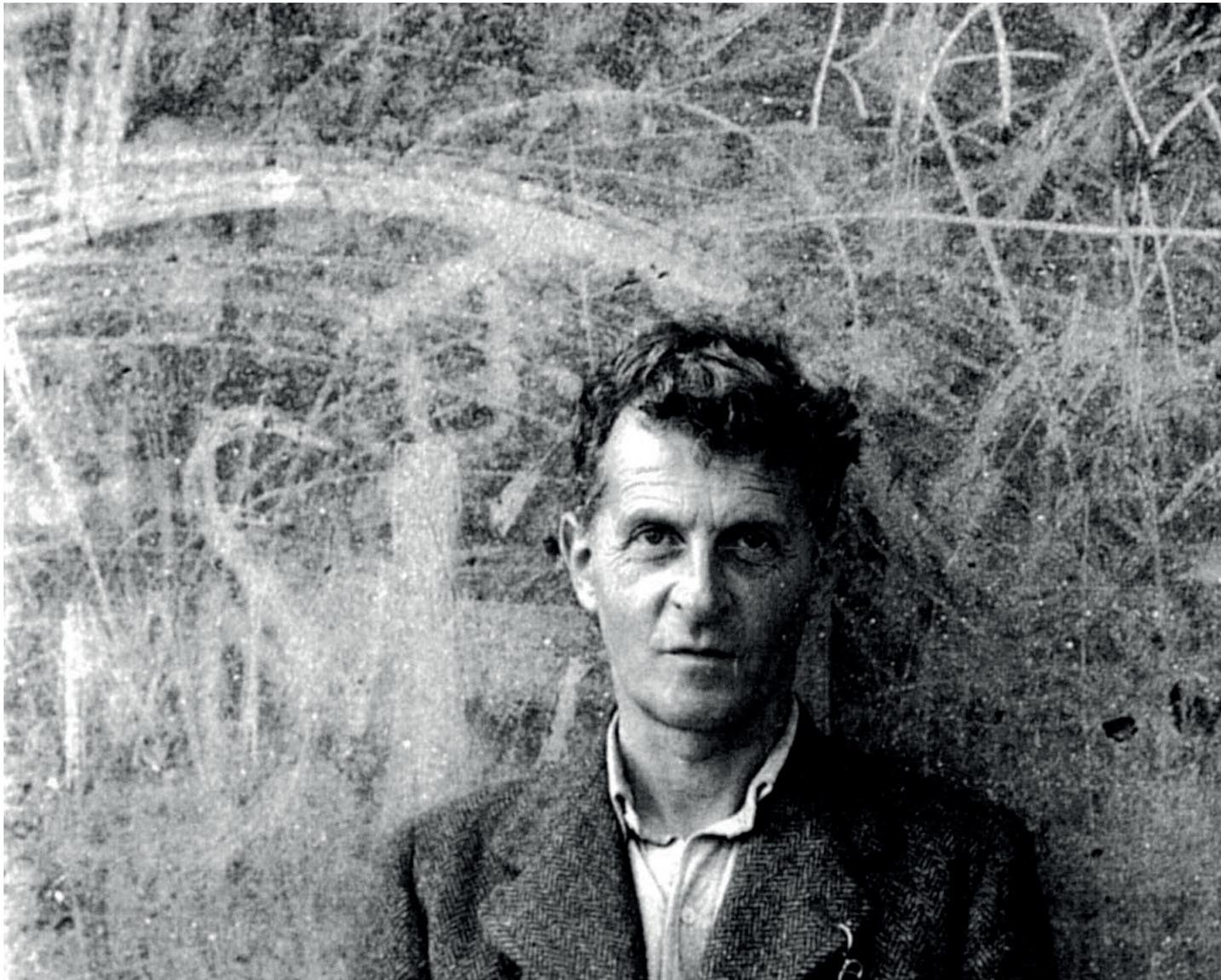


© ARQUIVO PESSOAL

ta em questões empíricas, isso seria uma superficialidade dos argumentos racionais, como afirma Marguti Pinto: “A inferioridade do racionalismo se manifesta não apenas quando argumenta contra a religião, mas também quando a favor dela” (1998, p. 69). Deus revela a si mesmo, e não é o mundo, mas se revela ao mundo, mas não é algo no mundo, é algo que o significado da vida como Wittgenstein demonstra na *Conferência sobre Ética: toda minha tendência* – e creio que a de todos aqueles que tentaram alguma vez escrever ou falar de Ética ou Religião – é correr contra os limites da linguagem. Esta corrida contra as paredes de nossa jaula é perfeita e absolutamente desesperançada. A Ética, na medida em que brota do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o absolutamente bom, o absolutamente valioso, não pode ser uma ciência. Tudo que se teorizar sobre a crença religiosa¹ não terá outro intuito senão se debater nos limites da linguagem, o que teria um limite extremamente angustiado e chega a ser estilhaçado quando lemos que a ética, assim como a religião, brota do desejo de dizer algo sobre o sentido da vida.

Ao tentar pôr essas questões dentro de um discurso pautado sob o viés do empírico, tudo isso não fica fora de órbita?

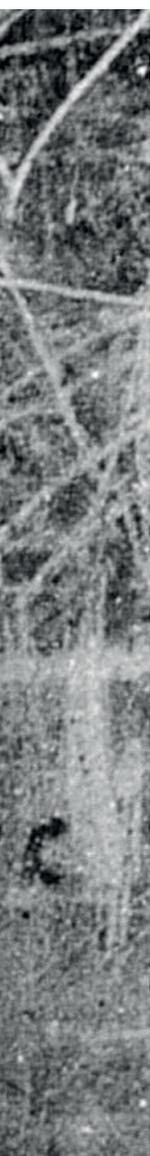
Sim, como algo que carece de um sentido, ou seja, torna-se consumado o sentido do sobrenatural, no qual nada corresponde, restando apenas a ilusão e os limites da linguagem. Verifica-se aqui que há uma possível relação que Wittgenstein esclarece, nas IF, acerca do objetivo da filosofia: “Os resultados da filosofia são a descoberta de algum absurdo puro e simples e bolhas que o entendimento contraiu ao ir contra a fronteira da linguagem. Elas, as bolhas, fazem-nos reconhecer o valor daquela descoberta” (§119). A minha pesquisa doutoral ainda está em fase inicial, mas, a partir do que tenho lido, pode-se compreender a questão do sentido da vida sob a ótica wittgensteiniana como algo místico, que não deve ser posto em palavras, mas vivido. É o que Wittgenstein chama de vida boa. “A vida boa é o mundo visto *sub specie aeterni*. (Cadernos e notas, §83). Ver as coisas com o olhar *specie aeterni* é ter em vista a eternidade, figurativamente é ver o mundo de maneira objetiva, sem muitas interferências sobrenaturais, mas de um modo objetivo, longe dos próprios interesses e dos de alguém.



Mas o que isso significa?

Quer dizer, antes de qualquer outra coisa, uma clara e inequívoca afirmação acerca da resistência ao que se afirmou sobre a ilusão de uma teorização empírica sobre o sentido do sobrenatural e do religioso como se fossem anomalias da linguagem (mau entendimento, embruxamento, formas sem sentido). Seria um deslocamento falar de validade para elas, ou opta-se por dizer aquilo que Wittgenstein afirmou na *Conferência Sobre Ética*: “Toda minha tendência – e creio

que a de todos aqueles que tentaram alguma vez escrever ou falar de Ética ou Religião – é correr contra os limites da linguagem”. É nessa perspectiva que a questão da religião e do “sentido da vida” adquire um caráter ético. Isto é, a crença religiosa e o sentido da vida não se põem no mundo, e sim em seu limite, e para conectar os fragmentos deste sentido é que o filósofo austríaco aponta para a experiência com o sentimento de eternidade como possibilidade de efetivação do que chamamos de sentido da vida. Vida boa.



“O SENTIDO DA VIDA, ASSIM COMO O SENTIMENTO RELIGIOSO, NÃO DE FORMA TRANSCENDENTAL, MAS DE FORMA PRÁTICA, INFLUENCIA O MODO DE AGIR DO HOMEM SOBRE O MUNDO, ISSO PORQUE A PROPOSIÇÃO ‘DEUS EXISTE’ CORRESPONDE À PERSPECTIVA DE QUE O ‘FATO DO MUNDO’ NÃO ACABA AS VERDADEIRAS QUESTÕES POR TRÁS DO SEU SENTIDO QUE É INATINGÍVEL PELOS FATOS”

Então o foco da sua pesquisa é o “sentido da vida”, e não o “significado da vida”?

Exato. E em conformidade com o aspecto apresentado pelo pesquisador Jorge Vicente Arregui: “Apenas a visão do mundo como todo limitado permite compreender que, enquanto o sujeito que supera o mundo, a linguagem e a ciência, não cabe um questionamento teórico do significado da vida. A divisão entre sujeito e linguagem é tão radical que não é possível uma abordagem teórica sobre o sujeito. Todo o conhecimento científico sobre o sujeito tem de ser superado, porque alcança somente o sujeito empírico, mas não o transcendental, e de consequência não é possível um questionamento teórico do significado da vida. A questão sobre o sentido da vida não é uma questão teórica, mas prática”. (ARREGUI, 1984, p. 102) “Por isso, os problemas que parecem mais

profundos não são verdadeiramente problemas” (cf. TLP, 4.0003). Assim, o sentido da vida não pode ser definido por palavras, mas, unicamente, por meio da busca de experiências chamadas místicas, as quais estão para além do significado.

O sentido da vida poderia estar atrelado ao sentido religioso em Wittgenstein?

O sentido da vida, assim como o sentimento religioso, não de forma transcendental, mas de forma prática, influencia o modo de agir do homem sobre o mundo, isso porque a proposição “Deus existe” corresponde à perspectiva de que o “fato do mundo” não acaba as verdadeiras questões por trás do seu sentido, que é inatingível pelos fatos. A visão factual é uma visão cientificista do sentimento religioso, exigindo que a crença em Deus seja tratada como objeto em um mundo que necessita de justificativas com bases em evidências. “Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa. Percebe-se a solução do problema da vida no desaparecimento desse problema. (Não é por essa razão que as pessoas para as quais, após longas dúvidas, o sentido da vida se fez claro não se tornaram capazes de dizer em que consiste esse sentido?)” (TLP, 6.52; 6.521). Não há pergunta científica que possa abarcar o sentido da vida. Tal discurso é capaz de contemplar as questões transcendentais. Consequentemente, o “problema da vida” não se põe em evidência, haja vista que não faz parte do mundo. Por isso, as soluções para tais incursões não estão no mundo, mas no seu limite.

Como você analisa a questão da crise de sentido da vida na contemporaneidade?

A questão da crise do sentido da vida na sociedade contemporânea está justamente na falta de olhar as coisas de maneira objetiva. Colocamos valores em coisas que não deveríamos, falamos muitas coisas que não deveríamos, o que causa grande névoa no campo do sentido. Na contemporaneidade, precisamos silenciar mais para percebermos o que realmente queremos, o que realmente importa. Isso seria uma atitude filosófica pautada na *sub specie aeterni*, que é pautada sobre a objetividade, sobre a lógica. Aquilo sobre o que não podemos falar, devemos silenciar (TLP, §7). Quando tentamos pôr estas questões dentro de um discurso pautado sob o viés do empírico, tudo isso fica fora de órbita, como algo que carece de um sentido, ou seja, torna-se consumado o sentido do sobrenatural no qual nada corresponde, restando apenas a ilusão e os limites da linguagem. Portanto, o sentimento religioso não possui, então, a função de denotar o mundo como ele é, foi ou será. Para uma pessoa que se sente religiosa, só é possível a percepção de Deus ou do sentido da vida, e não sua definição ou limitação pelo viés cientificista.

A depressão seria um sintoma dessa crise? Como percebe a depressão no contexto da atualidade?

Sim. Essa enfermidade está na ordem da desesperança, transtorno de humor. Isso tem origem multifatorial, que se manifesta em diversos sintomas, que inclui não só humor, mas também no âmbito da perda de sentido das coisas mais simples, até chegar à perda do sentido da vida, que, como apresentamos acima, seria essa perda de objetividade das ações cotidianas. **hmt**



NOTAS

1 A intenção de Wittgenstein não é de forma alguma ridicularizar a crença religiosa, porque desta forma estaria baseando muitas coisas sobre provas muito frágeis e insuficientes. (PERISSINOTTO, 2011, p. 12).

REFERÊNCIAS

- ARREGUI, J. V. *Acción y sentido en Wittgenstein*. Espanha: Ediciones Universidad de Navarra, 1984.
- PERISSINOTTO, L. O Silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein. *Revista Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2816-luigi-perissinotto-1> Acesso em 26/08/2021.
- PINTO, P.R.M. *Iniciação ao silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*. Loyola: São Paulo, 1998.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Trad. de Luis Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1979.
- WITTGENSTEIN L. *Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2002.
- WITTGENSTEIN, L. *Cultura e valor*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- WITTGENSTEIN, L. *Da certeza* [no original On Certainty / ÜberGewissheit]. Editado por G.E.M. Anscombe e G.H. von Wright. Trad. Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1998 (edição bilingue alemão-português).
- WITTGENSTEIN, L. Conferência sobre Ética. Trad. Darlei Dall'Agnol. In: *Ética e Linguagem*. 3ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 215-224.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. bras. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 2ª ed., 1994.

FÁBIO ANTONIO GABRIEL,

professor de filosofia, mestre e doutor em educação, desenvolvendo estágio de pós-doutorado em educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Site: www.fabioantoniogabriel.com